

Coletânea Alguidar



GEOGRAFIA ÍNTIMA
DO DESERTO

Micheline Verunschik



LANDY
EDITORA

2003



Geografia Íntima do Deserto

LANDY EDITORA
EXEMPLAR PARA ANALIS
VENDA PROIBIDA

Micheliny Verunschik



Coleção Alguidar

Direção:

Frederico Barbosa

Título original:

Geografia Íntima do Deserto

© da presente edição

Micheline Verunsch e

Landy Livraria Editora e Distribuidora Ltda.

Revisão:

Sylmara Beletti e Frederico Barbosa

Projeto gráfico da capa:

Camila Mesquita

Projeto gráfico interno e ilustrações:

Jorge Padilha

Editor:

Antonio Daniel Abreu

Direitos reservados para a língua portuguesa



LANDY
EDITORA

Landy Livraria e Editora e Distribuidora Ltda.

Alameda Jaú, 1.791

Tel. e Fax (11) 3081-4169 (tronco-chave)

CEP 01420-002 — São Paulo, SP, Brasil

e-mail: landy@landy.com.br

internet: www.landy.com.br

2003

LANDY EDITORA
EXEMPLAR PARA ANÁLISE
VENDA PROIBIDA

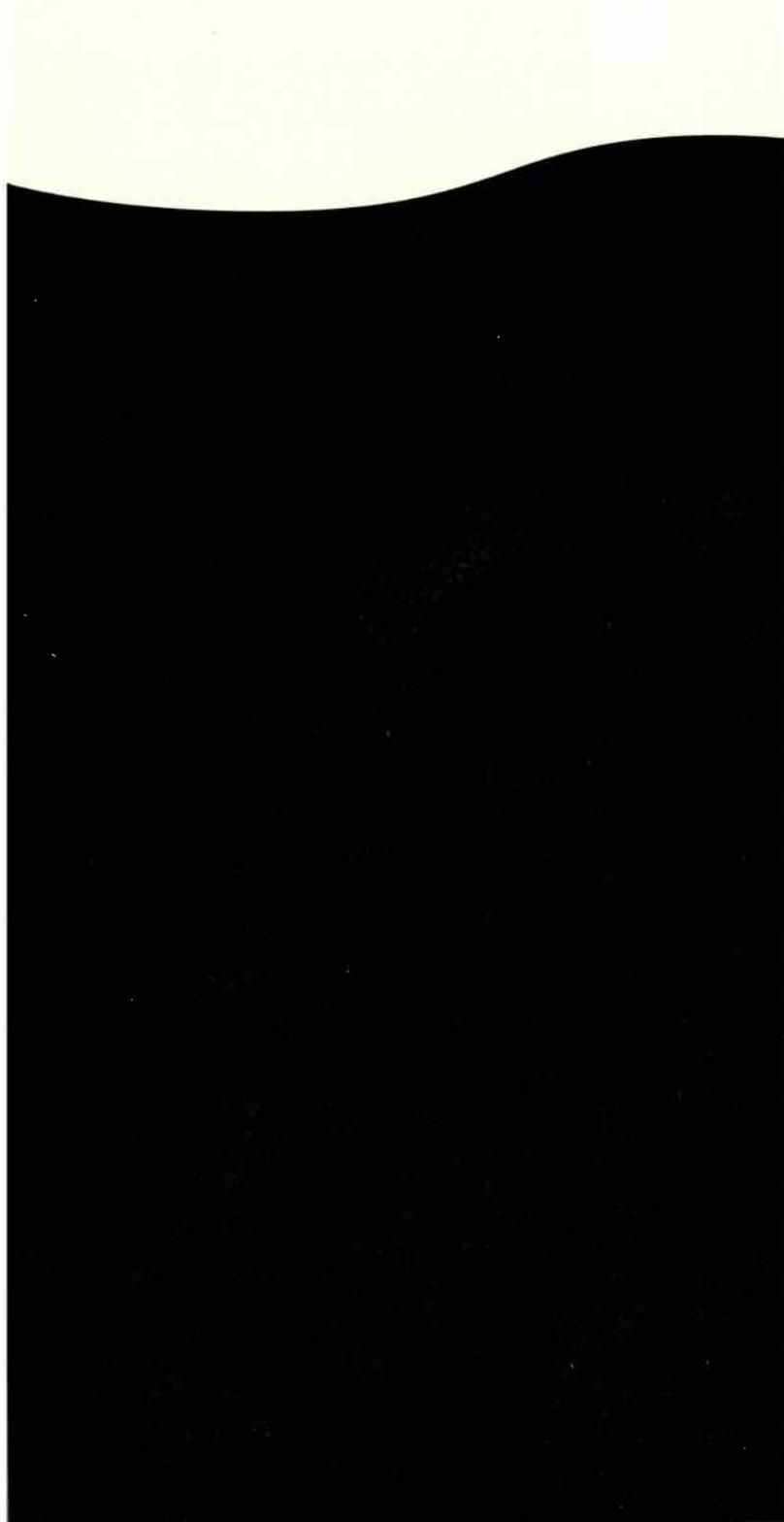
A

Aloizio e Mércia, Michel e Max,
minha família.

Às famílias Pinto de Barros
e Souza Machado.

Aos Amigos
Fred Barbosa
Lirinha
Mário Hélio
Rose Mary Gomes de Souza
Siane Góis
Weydson Barros Leal

A Tulle César



Índice

10	Um Pomar às Avestas. <i>João Alexandre Barbosa</i>
25	O Livro
26	Domingo
27	A Borboleta
28	Duo
28	<i>O Violino</i>
29	<i>Violoncello</i>
30	Rápido Monólogo do Caçador com sua Caça
31	O Rio:
32	O Dragão
33	Desenho
34	g
35	Subverso
36	Noite
37	Seca (ou “O Boi e a Quaresma”)
38	Variação e Rito sobre uma Tourada Espanhola
40	Memória
47	Evangelho
48	Face
49	A Bicicleta
50	Terço
51	Suicídio
52	Nightmare
53	Rubaiat
54	Infibulação
55	Darkness
56	O Tigre
58	Salomé
59	O Que Dizem os Girassóis sobre a Morte
60	Hieróglifo
61	O Homem do Lado do Espelho
62	Deus
63	Conto
64	Ditirambo
65	Se Outro Nome Tivesse a Rosa
66	Seda
67	As Tardes como Cães Danados
68	Lenda

Aniversário	69
Da Rotina	70
Cena Suburbana	71
Le Cirque	72
Geografia Íntima do Deserto	73
<i>O Corpo Amoroso do Deserto</i>	73
<i>A Presença Dolorosa do Deserto</i>	74
Fotografia de Menino	81
O Espelho de Borges	82
Tankas	84
<i>O Relógio</i>	84
<i>Natureza-morta</i>	85
<i>Inverno</i>	86
Vincent	87
Hades	88
Xadrez	89
Lego	90
Meninas	91
O Soldado Verde	92
Flor	93
Dois Temas para Meninos	94
Inventário	96
Dor	97
Um Canto Obsessivo	98
Três Esboços de Método para a Pintura	100
<i>A Bala</i>	100
<i>Fábula</i>	101
<i>Nudez</i>	102
Para Esquecer os Mortos	103
Salmo da Luta Inútil	104
Tempo	106
O Farol	107
Decalque	108
Toys	109
Ofício	110
A Tecelã	111
Anotação para um Domingo da Ressurreição	112
Epílogo ao Anjo Cego do Senhor	114
Frida	115

Um pomar às avessas

É uma poesia que vem de longe, de muito longe.

E não me refiro apenas ao fato de que Micheliny Verunschik, nascida em Recife em 1972, vive na fronteira do sertão pernambucano, na ensolarada e bela cidade de Arcoverde.

A distância de que falo tem antes a ver com o tempo do que com o espaço e é elemento intrínseco desses poemas agora reunidos. Uma distância no tempo que confere a esses poemas a sua originalidade, transformando a poeta numa presença singular por entre o caos da atualidade.

Um pouco na direção daquilo que foi anotado por Paul Valéry, em um de seus textos sobre Mallarmé:

É que a poesia vincula-se, sem nenhuma dúvida, a algum estado dos homens anterior à escritura e à crítica. Encontro, pois, um homem muito antigo em todo poeta verdadeiro: ele ainda bebe nas fontes da linguagem; inventa “versos”, um pouco como os primitivos mais bem dotados deviam criar “palavras”, ou ancestrais de palavras.

Neste sentido, é possível dizer que aquilo que a poesia articula em termos temporais é triádico: um tempo

João Alexandre Barbosa

do poeta, com suas circunstâncias e acidentes biográficos; um tempo da poesia, que transcende aquelas circunstâncias e acidentes e se radica na própria intemporalidade da existência da linguagem poética, por onde é relida a tradição, e um tempo do poema que concretiza qualquer tipo de abstração com que se envolve o poeta e a poesia.

O homem muito antigo, de Valéry, o seu poeta verdadeiro, parece ser, portanto, aquele que se posiciona no vértice do triângulo, fazendo com que a poesia irrigue, com a mesma intensidade, cada um de seus lados.

Sendo assim, quando Micheliny Verunschik intitula de *Geografia Íntima do Deserto* a reunião de seus poemas, ao mesmo tempo em que recupera para um novo espaço uma certa tradição da poesia — que, sobretudo com o João Cabral da *Psicologia da composição*, busca, na trilha de Paul Valéry, por assim dizer, esterilizar o campo da poesia, tal como se afirmava como aspiração do personagem Anfion, numa das partes daquela obra —, insere a intimidade, com todas as suas modulações hesitantes, por entre uma possível geografia do deserto.

Não é, portanto, o que escreve ou deixa de escrever o deserto, sua *geo-grafia*, aquilo que importa: é como, deserto, campo de presumível esterilidade, deixa aflorar figurações da intimidade. Ou, para citar o João Cabral da *Fábula de Anfiou*:

Sua mudez está assegurada
se a flauta seca:
será de mudo cimento,
não será um búzio

a concha que é o resto
de dia de seu dia:
exato, passará pelo relógio,
como de uma faca o fio.

Ou, como está, ainda de modo mais explícito, na oitava e última parte da *Psicologia da composição*:

Cultivar o deserto
como um pomar às avessas
(A árvore destila
a terra, gota a gota;
a terra completa
cai, fruto!

Enquanto na ordem
de outro pomar
a atenção destila
palavras maduras).

Cultivar o deserto
como um pomar às avessas:

então, nada mais
destila; evapora;
onde foi maçã
resta uma fome;

onde foi palavra
(potros ou touros
contidos) resta a severa
forma do vazio.

As três partes deste livro — todas precedidas de fragmentos de um texto que vai se organizando como fábula de desaparecimento e de final apreensão pelo rebaixamento daquilo que, acariciado como obra de arte autêntica, não era senão reprodução barata — operam no sentido de instaurar, por entre o deserto, aquela outra ordem cabralina em que seja possível cultivar um pomar às avessas.

E esta ordem, poética por excelência, não é senão a de deixar a linguagem encontrar, depois da esterilização a que foi submetida, o ângulo de abertura apropriado através do qual seja possível nomear o tumulto da experiência.

No entanto, passada pelo crivo daquela esterilização, a nomeação do tumulto não é uma nomeação tumultuada: a experiência que se configura através da linguagem, e que é o poema lido pelo leitor, é, para dizer com T. S. Eliot, o correlato objetivo e sensível da nomeação poética.

Ou, para dizer de outra maneira, entre

experiência e nomeação poética passa uma espécie de tranqüila adequação, de onde resulta o singular decoro destes poemas: a intimidade é, por assim dizer, conservada nos limites da discrição, sem que, em nenhum momento, seja diminuído o impacto de sua figuração.

Eis, portanto, um interessante e aparente paradoxo: uma poesia da intimidade, como esta sem dúvida é, não é necessariamente uma poesia intimista ou de intimidades.

E isso porque a intimidade está antes no difícil e delicado jogo entre experiência pessoal e construção pela linguagem de um espaço de traduções recíprocas, em que as reverberações léxicas, sintáticas e sonoras não deixam brechas para o caos que costuma se apossar das expressões de intimidades.

Uma poesia íntima, mas do deserto, e não do ou da poeta como subjetividade que venha se escancarar diante do leitor por uma linguagem de desafogo desabrido. Uma intimidade que vem preencher aquela severa forma do vazio, tal como percebida por João Cabral, sem que ocorra o seu esquecimento; ao contrário, existindo intensamente nas dobras de uma outra ordem a que o poeta chamou de pomar às avessas.

Leiam-se, por exemplo, os dois poemas que constituem a parte *Geografia Íntima do Deserto*, que dá título ao livro: *O corpo amoroso*

do deserto e A presença dolorosa do deserto.

No primeiro, o deserto é nomeado através de alguns de seus atributos e serve para estabelecer um sistema metafórico em que “areias cortantes”, “água cristalina” da miragem, “escorpiões de fogo e sol”, traduzindo a grafia do deserto, físgam os atributos da paixão que, começando por um “corpo branco e morno” e tendo a força de ferrões, criam mais o desejo do que a realização, como está dito nos últimos versos:

Ferroam a minha pele
escorpiões de fogo e sol
com seu veneno
e vejo,
magoada de desejo,
os grãos tão leves
indo embora ao vento.

De tal maneira se embaralham os atributos — do deserto e da paixão — que o “corpo amoroso do deserto”, título do poema, cria a certeza de um outro corpo “(que eu deveria dizer sereno)”. Este corpo, o leitor preenche, como uma severa forma do vazio, pela leitura das tensões de intimidade que acena, do modo mais discreto possível, para o — embora malogrado — ápice da paixão “magoada de desejo”. Por fim, nomeia-se um último atributo do deserto: o vento — “indo embora ao vento”.

Já no segundo poema, embora a criação de símiles seja o núcleo impulsionador do texto — “Como uma pérola / ou um gesto no vazio. / Como o amargo azul / e tudo quanto há de ilusório.” —, há mais radicalidade metafórica do que no poema anterior, sobretudo por meio da redução que se dá dos atributos possíveis do deserto pela condensação que está no primeiro e oitavo versos: “Teu nome é meu deserto.”

Não mais, como no primeiro poema, uma leitura de preenchimento daquela severa forma do vazio cabralina, mas a asserção primordial e definitiva de uma identificação: entre nome e deserto, o que agora se relaciona, como sentido e percepção, “dentes agudos”, “sóis raivosos”, “suas letras”, “setas de ouro e prata”, já não são atributos externos do deserto, mas funções de uma intimidade radical: “incrustado no meu próprio território”, como está no terceiro verso.

Mais uma vez, assim como ocorria no poema anterior entre deserto e paixão, aqui algo de semelhante se dá entre nome e deserto, isto é, uma intensa reciprocidade, de tal maneira que se esgarçam os referentes pela instauração da metáfora.

Releia-se, para exemplo, a segunda parte do poema, aquela que se inicia com o oitavo verso:

Teu nome é meu deserto
e ele é tão vasto.
Seus dentes tão agudos
seus sóis raivosos
e suas letras
(setas de ouro e prata
nos meus lábios)
são o meu terço de mistérios dolorosos.

Embora, de imediato, a qualidade de vastidão refira-se ao deserto, no poema já não se tem certeza: ela pode estar sendo atribuída legitimamente ao “nome”, tanto quanto aos “dentes”, “sóis” e, sobretudo às “letras” porque, transformadas em “setas”, são repetidas ritualisticamente como um “terço de mistérios dolorosos”.

Deste modo, creio que a leitura mais detida desses dois poemas deixa ver um mecanismo essencial de construção dessa poesia de Micheliny Verunschik, que a vincula ao tempo da poesia referido no início: não uma poesia de atualidades ou, como já se disse, de intimidades, mas uma poética que cava fundo nos dispositivos da linguagem, reatualizando aquilo que é, para sempre, traço fundante de poeticidade, ou seja, o alcance e os limites da própria nomeação.

Assim, por exemplo, é possível encontrar, em numerosos textos deste livro, invenções de imagens que realizam, com grande beleza e propriedade, a função da poesia como instrumento privilegiado daquela nomeação.

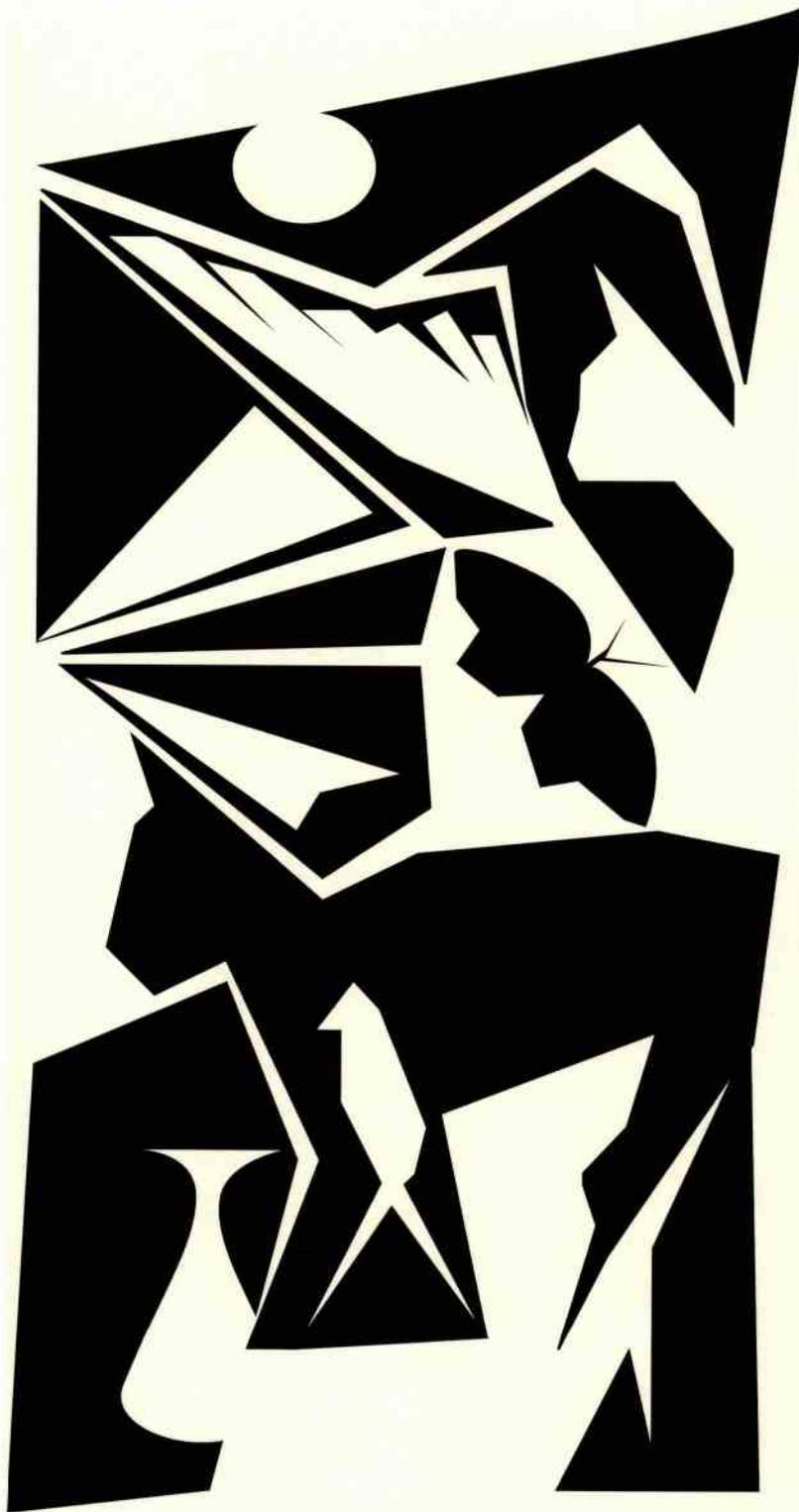
É, para citar apenas alguns, aquilo que está no poema *Seca* (ou “*O Boi e a Quaresma*”) em que o sol é percebido pelo animal como “imenso carrapato / agarrado no azul”, ou em todo o poema *Face*, em que os “ferrolhos” e as “abelhas”, da primeira estrofe, respondem pelo que se diz na segunda: “Saber o deserto / e mais ainda: tê-lo. / Conquistar seus ferrões de areia / sua gula seca e oca tempestade. / (Penetrá-lo com suas íntimas chaves)”; ou em *Noite*, onde o protagonista é o mar depois da faina diária: “O mar / fareja e fareja / restos de sol sobre a areia. / O mar, / sextina negra, sextina eterna e negra:/ Galatéia”; ou o poema *Dor*, com a sua magistral nomeação de verme de arame, de grande intensidade: “Subindo pelas narinas / a dor, este verme de arame, / rasteja e pinga ovos / foscos / latejantes. / Seqüestrame, a dor. / Sabe-me, a vadia”. Leia-se ainda o poema *Darkness*, com seus quatro últimos versos realizando uma verdadeira *tour-de-force* metafórica para a nomeação da desesperança e do medo: “O sono, / grande placa de cerâmica / e o tempo, / demônio a ranger sobre o infinito”.

Mas essa notável força de nomeação pode estar em poemas menos dramáticos ou, pelo menos, naqueles em que comparecem também momentos mais lúdicos. Leia-se *Cena suburbana*:

Os deuses dos olhos do gato
inquirem a alma da costureirinha
e lambem as mãos do triste:
e quão escuro é o poço
em que mergulham aquelas mãos,
sabem os deuses,
e por isso mesmo se aconchegam nelas.

A costureirinha, não,
não lhes dá intimidades
e enxota o gato
que com ardis de homem,
ondula macio entre as suas pernas.

Chega, entretanto, de retardamentos.
Que o leitor passe a explorar por si mesmo
toda a riqueza que está neste livro de
estréia. Um livro que, como o leitor há de
ver, passando pelos desafios da esterilidade
daquela severa forma do vazio, que só se
aprende com a experiência do deserto,
constrói um belo e fértil pomar às avessas.



“Todos *os museus têm medo de mim
porque cada vez que fico um dia inteiro
em frente de um quadro,
no dia seguinte se anuncia
o seu desaparecimento.”*

Marin Sorescu

Tradução de Luciano Maia

O Livro

Havia de encontrar
alguma velha ferida
e nela, supurando ainda
teu rosto:
outonos e infernos
esquecidos
entre páginas amareladas
e a dor, essa inútil traça.

Domingo

Os cavalos
do carrossel
giram
ruas apressadas,
multidão ereta.
Os doces cavalinhos
do carrossel giram,
têm olhos assimétricos
e giram.
Falos de madeira.

A Borboleta

Faminta mancha
na parede branca
a negra borboleta
abre as asas.

Devora toda
a parede branca
a lepra
da faminta
que se alastra.

Somente mancha,
somente mancha,
mancha que se alarga.

Somente mancha,
faminta mancha,
estrela negra
abrindo grandes asas.

D^{uo}

O Violino

Entregue à sutil carícia
da curva do queixo
mal finge
que freme mesmo
é ao balé febril
das pontas dos dedos.
(Talhado em nobre madeira,
o filho de Eros
é dado ao gozo animal
ao humano sexo...)

Violoncello

A louca dama, nua e fera
deita e luta
com o seu músico:
que a mantendo
por entre as pernas
vai aprendendo
músculo a músculo
o gemer denso
de madeira rouca
a doma intensa
o sexo acústico.

Rápido Monólogo do Caçador com sua Caça

Trago
pardos
os olhos de cobiça
que atiro sobre ti,
teu verbo/teu sexo:
tua presa de marfim.

O Rio:

O dia e a cidade
conspiram
contra mim
como um gatilho armado
de um revólver orgânico:
disparam
signos
concreto
e a pele quente dos ônibus.

Mas à noite
copulo com luzes e prédios.
Sou útero.
Cântaro.

O Dragão

Um dragão marfim e dourado
se desprendeu do livro
de um antigo sábio
numa tarde qualquer do século VIII.

Morreram de tristeza e saudade
as cinco gueixas da página vinte.

Procuraram por ele
os valentes samurais de nanquim
que fechavam cada capítulo.

Mas ninguém mais viu
o dragão que sangrava ouro.
E na fábula, uma chaga (fogo).

D^esenho

A axila nua
e o cheiro quase doce de suor.
Os gatos não sabem do medo,
só do desenho e simetria
dos seus pares.
Álacre,
o salto é resina
e o gato.....um risco.

oo

Era um gato de ébano
estático e mudo:
um gato geométrico
talhando em silêncio
o seu salto mais duro.

Era um gato macio
se visto de perto,
um bicho de carne
ao olho certo,
arrepio de sombra
subindo nas pernas,
um lance no escuro,
um tiro no espelho.

O gato era um ato,
uma estátua viva,
uma lâmpada acesa
no umbigo de Alice.

Era um gato concreto
no meio da sala:
era uma palavra
afiando palavras.

Era a fome do gato
e sua pata à espreita,
veludo-armadilha:
uma única letra.

Subverso

A sala não percebe
o navio que se agita
numa dança de touro furioso.

Da cerca em que está,
cega sua luz de solvente e óleo.
Sua raiva desarruma móveis,
pessoas, pequenos objetos
dos altares domésticos.

Foge da moldura
rompendo paredes
sua quilhaafiada.
Traz na língua
o mar desgarrado e trôpego
ruminando algas corais cemitérios
marinhos e outros afetos ocultos.

Os mais velhos atribuem ao vento
o poder de tirar as coisas de lugar,
mas o navio arma-se,
ogiva em direção à quietude.

Noite

O mar
fareja e fareja
restos de sol sobre a areia.
O mar,
sextina negra,
sextina eterna e negra:
Galatéia.

Seca (ou “O Boi e a Quaresma”)

A Folia de Reis
chovendo fitas
passou ao largo de mim
que pastava calmo
no magro campo.

Ah! E o Sol,
imenso carrapato
agarrado no azul.

Variação e Rito sobre uma Tourada Espanhola

Sobre o branco puríssimo
a rosa negra intumesce:
seu caule espesso,
sua pétala áspera,
sua fúria intensa e violeta.
Porque a cidade é escura,
porque as esquinas rasgam o passeio
e porque a chuva insiste fria, muito fria.
(Muitos animais
saem de entre as minhas pernas,
eu teria pensado aquela noite.
Hoje não.
Sei que moram também em minha
garganta
e deslizam por ela
como o metrô desliza sobre o dia,
repleto de vozes e suores,
sua música polifônica.)
Sim, a cidade é escura,
mas a arena é clara.
O touro,
vermelho e arfante,
pinta a óleo e sangue
o pôr-do-sol
e a tarde emerge entre seio e lábio.
A cidade é escura,

mas a arena é clara
e a arena banha de festa e luta
toda a praça
que, luminosa e nua,
acende,
uma a uma,
as suas facas.

Memória

O meu pai
possuía uma das asas
muito negra.
E dele herdei
estas estrelas na testa
e esta noite excessiva.
De minha mãe
lembro apenas
clarins e água
e que cantava canções de janeiro.
As pedras brancas
deslizam suaves
sobre a asa muito negra
que foi de meu pai.
E eis toda a lembrança
que tenho da pátria.



“Falo *alto com as telas que põem
em perigo a minha vida.”*

Marin Sorescu

Tradução de Luciano Maia

Evangelho

Os seus dedos
tocam a cítara das chuvas
e traçam
a virgem magra
arquitetura do estio:
sua poesia de extremos.

Face

Saber o deserto
como a cidade
sabe os seus ferrolhos;
a infecção, suas abelhas.

Saber o deserto
e mais ainda: tê-lo.
Conquistar seus ferrões de areia,
sua gula seca e oca tempestade.

(Penetrá-lo com suas íntimas chaves).

A Bicicleta

A bicicleta brilhava no deserto.
Dourada, era um bicho.
Magra, buscava as tetas da mãe
quando se perdeu.
A bicicleta e sua solidez de areia,
sua solidão de ferrugem
e seu olho manso e manso.
Tivera umas asas,
esfinge.
Tivera uma voz,
sereia.
Animal mítico,
pedais, semente, umbigo:
pedaço de sol,
um deus enterrado no deserto.

Terço

Sofia, Shekinnah, Maria, Fatma.
Em cada pedra uma mulher de sol.
Nas maiores se ornam de estrelas,
nas menores, de todas as luas.

Sofia, Shekinnah, Maria, Fatma.
Serpente a engolir o próprio corpo,
anáfora, mandala,
palavras, mistérios, intenções.

Sofia, Shekinnah, Maria, Fatma.
E Eva gloriosa, no verso da medalha.

Suicídio

A mulher cega
lápida lembranças:
uma raiva incontida
das cores que não acontecem
e o sentimento de areia e cuspe:
Deus se perdeu de mim.

Nightmare

O imponderável
alimenta
os animais da noite
mas eles permanecem inquietos.
Rondam
farejam
salivam
sobre o meu sono.

Rubaiat

O vinho é pérola na concha da língua,
o sol que abre a rosa d'aurora menina
e abrasa e deleita com luz que embriaga.
O vinho é tapete na tenda mais íntima.

Quem bebe do sol, do seu álcool vermelho,
já sabe das vinhas os místicos beijos
e bebe o incêndio em oásis de prata.
Que bêbado sol, de deserto e desejo!

A tinta das uvas em poças na pele
desenha espinhos de púrpura e neve
na areia tão limpa de tez desmaiada.
Quem beba do vinho já soma as febres.

O vinho é cítara, cálice de prata,
ébria concubina, rosa desmaiada,
aurora vermelha, manhã de domingo.
Líquido tapete, dança que embriaga.

Infibulação

Lábios finos
recortados cuidadosamente à tesoura,
sem fugir da linha do contorno,
sem preencher falha alguma
com lápis ou batom.
Ter cuidado, mão firme.
Ser terno para que não sangre em demasia
e cantar quase ninando.
Ver seu vermelho
em pálido esmaecer
(como as meninas mortas
que em suas fotografias
parecem que sempre foram mortas).
Sentir os frágeis ligamentos,
os nervos,
romperem as costuras
ante o dente rombo da tesoura.
Perceber a carne
ora cremosa, ora seca,
como uma folha seca,
se diluindo e se partindo.
E antes do fim,
colar tudo num álbum amarelo e vinho
e ir dormir em paz.

Darkness

A solidão,
essa tempestade,
esse gozo às avessas,
esse jeito de eternidade
que as coisas adquirem
mesmo sendo apenas vidro.
Essas cartas ardendo
no estômago das gavetas,
essas plumas
que surgem quando se apagam
as últimas luzes do dia.
Tudo faz a noite mais longa,
visão de uma sombra
sobre um berço.
Não há resposta
e o labirinto é o falso,
os lábios são falsos,
somente abismo,
absinto verdadeiro.
O sono,
grande placa de cerâmica,
e o tempo,
demônio a ranger sobre o infinito.

O Tigre

O tigre crescia como uma serpente.
Viril como um crucifixo
plantava-se na terra macia.

Como uma estrela de gelo
queimava a pele
inflamando espasmos.
Tinta roxa como o céu bem cedo.

Abria bocas,
engatilhava-se.

O tigre-mel confundia: opala.

Deslizava em grutas secretas.
Tomava a senda mais branca
feito cobra,
feito as mãos de quem ora
em segredo tenso.

Sem regras,
espreitava-se em chuvas,
em salvas,
salivas
e coisas assim tão finas
que o diriam morto.

O tigre suspeitava gretas
perante o céu mais cristalino
que o olho do que expia.

Tomando a carne mais virgem
como um ogro,
ou só um tigre,
o faria.

Deixando as garras de fora
como um rio de metal
que aguarda o sol.

Pedindo o gozo mais quente
como a língua que deseja a água
e se estica feito uma serpente.

Salomé

Lances:
dados:
serpente, os dedos dançam:

Uma noite
me habita
a cada abismo
que piso.

João Batista me olha:
precipício:

O Que Dizem os Girassóis Sobre a Morte

Eles vestiram
suas roupas sujas
e saíram de casa.
E suas mãos
se desmanchando
em linhas de sangue
borraram a lã dos cordeiros
e as amendoeiras.
Nossas tias lamentavam a lua,
o tapete que teciam,
a voz de esmeralda
da menina caída no poço.
Eles não sabiam,
mas estávamos lá.
Bebemos em silêncio
o sêmen ainda quente do morto.

Hieróglifo

Na pedra da alma
gravo a cifra
do que sinto:
sou a um só tempo
o alvo
o caçador
e o arco tenso,
estendido.

O Homem do Lado do Espelho

O bestiário do Imperador
possuía apenas seres monossilábicos,
mínimos e peçonhentos
como um ponto final,
ruminantes como reticências
e sentimentos ruins,
crispados em pêlos e palavras:
Uma luxúria!

Deus

O pássaro,
essa página branca,
voa.

O deserto,
uma língua de areia.

C^onto

Existem minas
ao norte de uma grande cidade
onde os mineiros
não vêem a luz
há pelo menos 25 anos.
Dizem que têm
olhos fosforescentes
como peixes de regiões abissais.
Dizem que nascem da terra
e se proliferam por bipartição.
Dizem que têm pulmões modificados
e que nunca choram
porque dói muito.
Mas são homens,
ainda homens,
os mineiros do Norte.

Ditirambo

Argolas de cristal,
a fina borda das taças,
brincos.

O vinho que vidro
vibra tanto pelos ouvidos,
divindade vermelha
que dança e transborda e se quebra.
Ária.

Alegria contínua de bacantes
possuídas como uvas que se pisam,
como éguas
no ritmo alarde dos rebanhos.

Seus cascos trincando
um continente inteiro.
Diapasão do mais rubro beijo,
um caco de espelho
pintando/partindo
gengivas, himnos, a língua
e ergamos vivas!

Evoé, Aurora, Romã, Amara!
Evoé, Baco!
Evoé, irmã (á)vida breve,
breve como um copo
que se cai da mesa
se perde.

Se Outro Nome Tivesse a Rosa

A Mário Hélio

A rosa,
rosa-convulsivo,
seca:

Incendiária
acende
uma tristeza interna
e combustíveis
angústias
marrons e amarelas
(inventa
uma beleza
féerica,
nova,
a fênix,
a rosa).

Seda

Costurados
sobre mim
as mãos e os pés
dos poetas mortos.
Como maçãs inchadas,
coaguladas
logo após o café.
Destroços laminados
de algum submarino
tocam de leve
os olhos feridos
e abrem à força
as bocas
(embora saibamos
que não podemos
naufragar na sala
que ela arde de dezembro).
Sutil seria, pois,
um outro beijo
como uma serpente
num cesto de fina palha,
mas ainda preferível este:
um verme
um fuso
uma flor:
aberta em chaga

As Tardes como Cães Danados

Ladram
de largos espelhos
esses cães de pedra e mormaço
de lume e arame farpado.
Ladram quentes
e mordem
e inflamam
os calcanhares do vento.
E sobre os relógios pairam
ameaçando-lhes de silêncio.

Lenda

A mãe era um bicho em sua toca.
Comia estrelas
e lambia os filhos
com um mar tão intenso
que todos adquiriram presas de cristal.

Aniversário

O ceifeiro assobia
uma canção:
o tempo que dura a ceifa.

Eu assobio julhos e pianos
e trago na língua
espigas maduras
ou um lírio.

Sega-me, o ceifeiro.

Cego o meu senhor.

Da Rotina

Varrer o dia de ontem
que ainda resta pela sala,
o dia que persiste,
quase invisível
pelo chão,
nos objetos
sobre os móveis da sala.
Varrer amanhã
o pó de hoje.
Varrer,
varrer hoje.
(E domingo quebrar nos dentes
o copo
e sua água de vidro.
Segunda, não esquecer:
varrer todos os vestígios.)

Cena Suburbana

Os deuses dos olhos do gato
inquirem a alma da costureirinha
e lambem as mãos do triste:
e quão escuro é o poço
em que mergulham aquelas mãos,
sabem os deuses,
por isso mesmo se aconchegam nelas.

A costureirinha, não,
não lhes dá intimidades
e enxota o gato
que com ardis de homem,
ondula macio entre as suas pernas.

Le Cirque

No varal do manicômio,
camisolas agitam aplausos,
suportam o exílio de tudo
e nas tardes de tempestade,
piruetam, pipas pelo céu negro.

Os risos falhos dos mambembes
urinam uma luz trapézio,
sustentam os saltos suicidas, mas doem.

À noite, depois que o dono faz a
contabilidade,
as pulgas exibem o cerol.

Amanhã tem espetáculo, sim senhor!

Geografia Íntima do Deserto

O Corpo Amoroso do Deserto

Teu corpo
branco e morno
(que eu deveria dizer sereno)
é para mim
suave e doloroso
como as areias cortantes
dos desertos.
Que importa
que ignores minha sede
se tua miragem
é água cristalina.
E a miragem eu firo com mil línguas
e cada uma é um pássaro
a bebê-la.
Ferroam a minha pele
escorpiões de fogo e sol
com seu veneno
e vejo,
magoada de desejo,
os grãos tão leves
indo embora ao vento.

A Presença Dolorosa do Deserto

Teu nome é meu deserto
e posso senti-lo
incrustado no meu próprio território.
Como uma pérola
ou um gesto no vazio.
Como o amargo azul
e tudo quanto há de ilusório.
Teu nome é meu deserto
e ele é tão vasto.
Seus dentes tão agudos
seus sóis raivosos
e suas letras
(setas de ouro e prata
nos meus lábios)
são o meu terço de mistérios dolorosos.





“SOU *apanhado por fim,
e chego em casa altas horas da noite,
cansado e rasgado pelos cães,
segurando na mão uma reprodução barata.”*

Marin Sorescu

Tradução de Luciano Maia

Fotografia de Menino

O menino morto
nem fazia conta
do caixãozinho de brinquedo,
do diadema de flores,
nem da roupa de festa
com que a mãe o vestira
num dia ordinário.
Curioso, mirava a máquina,
o olho fixo e estranho da máquina
que o olhava também.

Estava tão limpo e tão lindo
e o verniz dos sapatos
brilhava tanto,
mas o que incomodava de verdade
eram as mãos presas
numa prece que ele não sabia como soltar
e nem deveria, decerto,
pois a mãe poderia vir a ralhar
e seria um aborrecimento enorme.

O Espelho de Borges

Em uma jaula de vidro
repousa um homem
que não vê,
mas é visto.

O observam
as coisas inanimadas,
as trevas
e os móveis
de onde pendem
transluminosas
palavras.

O trem
envolto na bruma azul
do calendário
confunde-se com o homem,
seu sono de mármore,
seu hálito.

Confunde-se com o homem
até a palavra em negro
Fevereiro
o musgo dos números
a pedra dos domingos
em vermelho.

Confunde-se com o homem
tudo o que não vê,
mas o cerca,
o que de fora da moldura
respira e observa.

Tankas

O Relógio

Sorrimos como migalhas de pão
sobre a roupa nova de festa.
Somos pó.

Natureza-Morta

Ontem à noite, dois tiros:
frutas secas caindo.

Inverno

Por meses a fio
não saberemos ser pedra.

Vincent

... E então
um girassol frenético
e mais campos
ruivos de trigo
brotaram-lhe
do profundo fosso
do ouvido.

Hades

Ouviram-se os gritos tenazes das lanças
e das entranhas da terra surgiu uma dança.

Lâminas bailarinas na dança do ventre.
Elmos de brilho cadente.

Sabres, punhais, saliva metálica
mastigando os frutos mais verdes das
árvores.

A música dura de todas as armas
a dura sinfonia
sem sangue e sem água.

Vinagre e sal
no campo sombrio
espadas que afinam
o pio seguinte.

A batalha suspende seu giro no espaço.
A cortina se fecha.
Próximo ato.

Xadrez

Disseram aquela terra
menos poetas que pastores rudes
e bispos com as mãos
lavadas em sangue.
Disseram mais suas vestes negras,
os gafanhotos profetizando
pelas sinistras gargantas dos velhos,
a dura sombra dos cavalos
no dorso das encostas.
Disseram aquela terra
em sua fome branca,
o contorno do pequeno cemitério
continuamente redesenhado.
Disseram-na
quando não havia mais terra a dizer
e o filho do rei
roía unhas dos mortos que encontrava
com o desejo franco
de roer os próprios mortos.
Um novo rei com novos vícios.
Sim, um novo rei.

Lego

Corpo m util ado
batalha que/brada
no depor das armas
lance perd?do.

Como uma lâmpada e seu bocal
ajustam-se ainda este membro
e o semelhante que se foi?

Como um jogo
um brinquedo
encontram-se as peças extraviadas
pela mesma dor?

Em algum lugar
braços e pernas
procuram braços e pernas
pe da ços que se en-caixa-m
com todos os enganos.

Meninas

Na prateleira mais alta:
bonecas dentro das caixas,
olhos vidrados,
anjos sem asas.

Na prateleira mais baixa:
bonecas em potes de vidro,
olhos fechados,
anjos dormindo.

O Soldado Verde

A luz do sol
lava o soldado morto.

Um talho abre-lhe as costas
e vão se destacando ombros e pescoço.
Sangue tinge o uniforme o fuzil e minha
mão
que o re-colhe na calçada.

É o seu sangue que se agarra a tudo,
musgo.

Dói no meu bolso o soldado morto
atento em sua morte de plástico.

Doem minhas as suas pernas mastigadas.

A luz do sol,
lava verde,
meu soldado verde
doendo dentro do bolso,
sem mais guerra ou dono
sem nada mais.

F^{lor}

Inaugura outro mar
este pesadelo iniciático
de pintor ensandecido.

Saco de trevas
envolvendo trevas
lousa semovente,
mesa.

As frutas bóiam entre caixotes
e vão arremeter contra os arrecifes
o doce pus.

O vaso
o vitral
ondabalapétala arrebetada,
heráldica irregular,
de feras diversas,
de faca cega pelo sol,
esta jaula.

Dois Temas para Meninos

A Kepler

I

O menino desenha
a bola ausente
e o muro cresce
perante o menino.
O muro prossegue,
o menino não.
Claríssima cal
banha seu peito.
O vôo extinto
no cimento duro.
(Decerto ela brincarà
com meninos outros
que prosseguirão.
Provável é que baile
noutros braços e pernas.
Provável é que deles
também se perca
e se perca sempre
girando até o infinito).
O menino desenha com os olhos
a Ausente
e os seus olhos permanecem abertos.

II

Essa bola amarela
no pôr-do-céu
nua devagar
e se espraia
no horizonte.

E rosa e amarelo
se quebra
e se espuma.

Essa fruta malva
brilha
breve lábio
fibra de barbante
quase de açúcar
e rosa e amarelo
mascava a noite

e se quebra
e se espuma
e se quebra
e se espuma.

Essa ébria-novelo
teia tramas
raia linhas
essa ébria
essa uma
esse puma
e se quebra.

Iinventário

O armário
esconde coisas insuspeitadas
sol
nudez
tintas
— esta coleção de peças íntimas
o armário esconde ideogramas
e sedas chinesas
e, num canto escuro,
uma letra.

D^{or}

Subindo pelas narinas
a dor, este verme de arame,
rasteja e pinga ovos
foscos
latejantes.

Seqüestra-me, a dor.
Sabe-me, a vadia.

Um Canto Obsessivo

O que habita este envelope fechado?
Um animal ou uma máquina
que engendra surpresas mal-queridas?
O que se escuta são risadas,
o trabalho de uma usina,
ou serão garras que rasgam papéis,
mapas,
festas gregas em que se quebram pratos?
Que mecanismos trabalham nesta carta?
Seu tic-tac é de bomba,
de conta atrasada,
de contagem regressiva?
Talvez intimação da justiça
ou uma ação de despejo da própria vida.
Talvez nada,
só um convite para a liquidação
da loja mais próxima
ou o coração de um indigente
pingando ainda,
material didático para a aula de anatomia.
Talvez nada,
só uma carta,
papel contra papel,
uma rosa desfolhada
e um amontoado de letras desconexas.
Notícias,

um pedido que morre,
a graça que fica,
a guerra que arde no íntimo amigo.
Talvez tudo,
um bicho traiçoeiro e pardo e mudo
ataviado de selos e outros enfeites,
mas muito ágil em cravar os dentes,
ele todo um ríctus de espinhos
que desfibra a vítima.
Que palavras guardam este cofre?
Que susto de presente?
Que bote?

Três Esboços de Método para a Pintura

A Bala

Do olho do pintor,
o tiro
rouba do pássaro
a verdade e o espírito.
Avaro olho,
feroz unha asceta,
enclausura o pássaro-alma
em sua tela.

Fábula

A língua do pintor
sabe o efêmero seio que beija.
O seio que não cabe
na cela das mãos,
que é pouca:
espelho onda geometria
quebrando-se dentro da boca.

Nudez

O pintor
estuda
a flor
matemática.
A flor
nua
de pétalas.
A flor:
nua,
exata.

Para Esquecer os Mortos

Leonor
tinha dentes brancos
e fazia anotações
numa caderneta xadrez.

Leonor era uma peça de xadrez.

Leonor
tinha dentes mármore.
Leonor mar lápide.

Leonor, não.
Letra.
Valquíria.

Salmo da Luta Inútil

Inútil, Senhor,
o Vosso sangue de cordeiro,
se a morte é o leão
e a vida, o circo.

Todos os dias
rumam para a prancha
os que vão morrer e não sabem.

Inútil, Senhor,
esta dor crucificada,
se nada Vos arranca
desses pregos nas igrejas,
se as Vossas mãos furadas
não conseguem deter balas,
se uma ferida brota
na Vossa palma feito um terço.

Vã é esta luta, Senhor Morto,
se a morte é o leite,
o acidente que bebemos,
se nos lançamos aos bandos
tal crianças tontas,
ratos que se encantam
pela música da arena.

Vã é esta luta, Senhor Morto,
se ao menos Vós, só Vós escapásseis vivo,
mas este é o nosso picadeiro
e o ingresso jamais é devolvido.

Tempo

Moscas minúsculas
e fruteiras brancas.

O rio escorrega
dia.

A porteira colhe gemas
gemidos
um réquiem de velhas lavadeiras.

O Farol

Toda noite
o seu olho me vem
da Baía de Laia
e arpões
empalam sereias.

Toda noite
essa rede
essa malha
esse ferro
esse gancho de peixes.

Esse Deus tem o olho de Laia
e me acha — acha
e me fode
bem antes que a espuma.

Toda noite Laia me olha
toda noite esse Deus
me devora.

Toda noite me vem
e me perde.

Toda noite
o farol me repete.

Decalque

A manhã seguinte decalcou
quase toda a manhã anterior
que se tinha fixado nos olhos.

E todas as outras manhãs
copiariam detalhes
cada vez mais tênues
até que nem olhos mais houvesse.

T^{oys}

Somos de uma tristeza serena
quando montamos
quebra-cabeças,
principalmente aqueles
de paisagens grandiosas
de países distantes
(talvez porque saibamos
que há sempre uma peça perdida
no meio das outras
e que será a do instante final).

O fício

Como um rei
que sonhasse
um círculo
um mármore
um castelo
e dormindo
seus olhos declarassem
o Belo:
uma lágrima
a perfeição
a luz
o verbo.
Como um Deus
que criasse a Beleza
muito embora fosse cego.

A Tecelã

A fome fia a teia,
Avó Aranha.

A fome tece e trança.

Espalha suas cinzas
e espera o peso,
o efeito da armadilha.

Atalaia,
a fome aguarda,
Avó Aranha.

Anotação para um Domingo da Ressurreição

Domingo da Ressurreição
e leio no jornal
que chegado é o tempo
de amolar as facas.

Minhas facas
estão todas míopes
pelo mau uso
(posso lambe-lhes o fio
que a língua permanecerá
(virgem)).

A mão, esta sim,
cega
pelo tempo
de não empunhar,
de não acariciar
o cabo das facas
como a um falo
sedento
do orgasmo
do corte.

Minhas facas, míopes,
minha mão cega,
e o tempo que se aproxima:
o tempo

do afiador!
(Izaías não foi vaqueiro,
plantou cafezais.
A hora já era passada
quando descobriu o gado:
Ah, as facas inutilizadas!
As facas aleijadas
pelo desperdício!)

Li no jornal
que chegou é o tempo.
Urge tomar uma providência.

Epílogo ao Anjo Cego do Senhor

Este tempo foi confiado
ao Anjo Cego do Senhor.
Polindo ossos contra ossos
como dentes contra vidro,
derrama a loucura do seu cálice
e se aflige, ele mesmo, em longa e violenta
chuva.

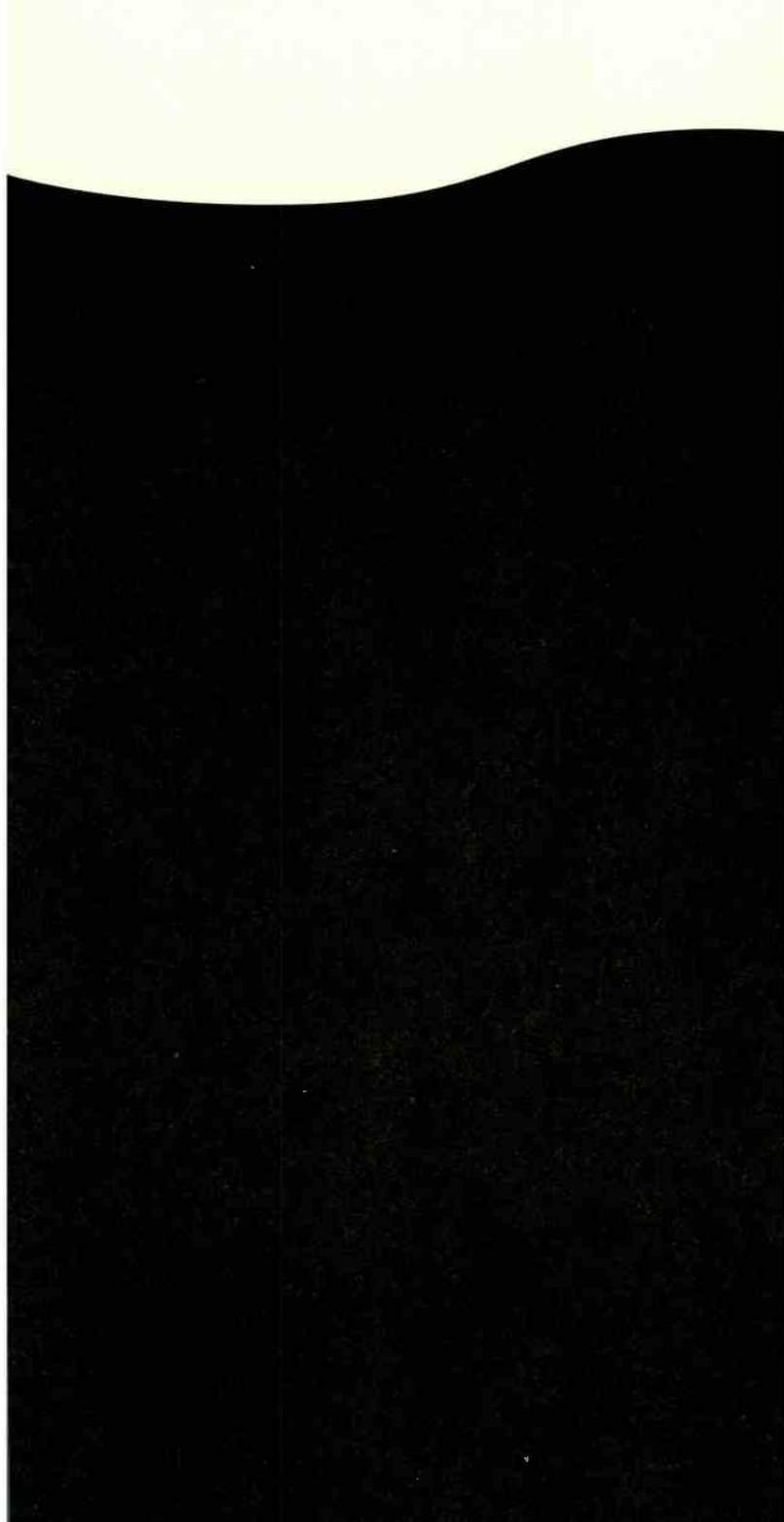
Junta pedaços de jornal sobre suas asas,
cavalga ratos, porcos, carros desgovernados
e agita seus longos cabelos contra os deser-
tos e oceanos.

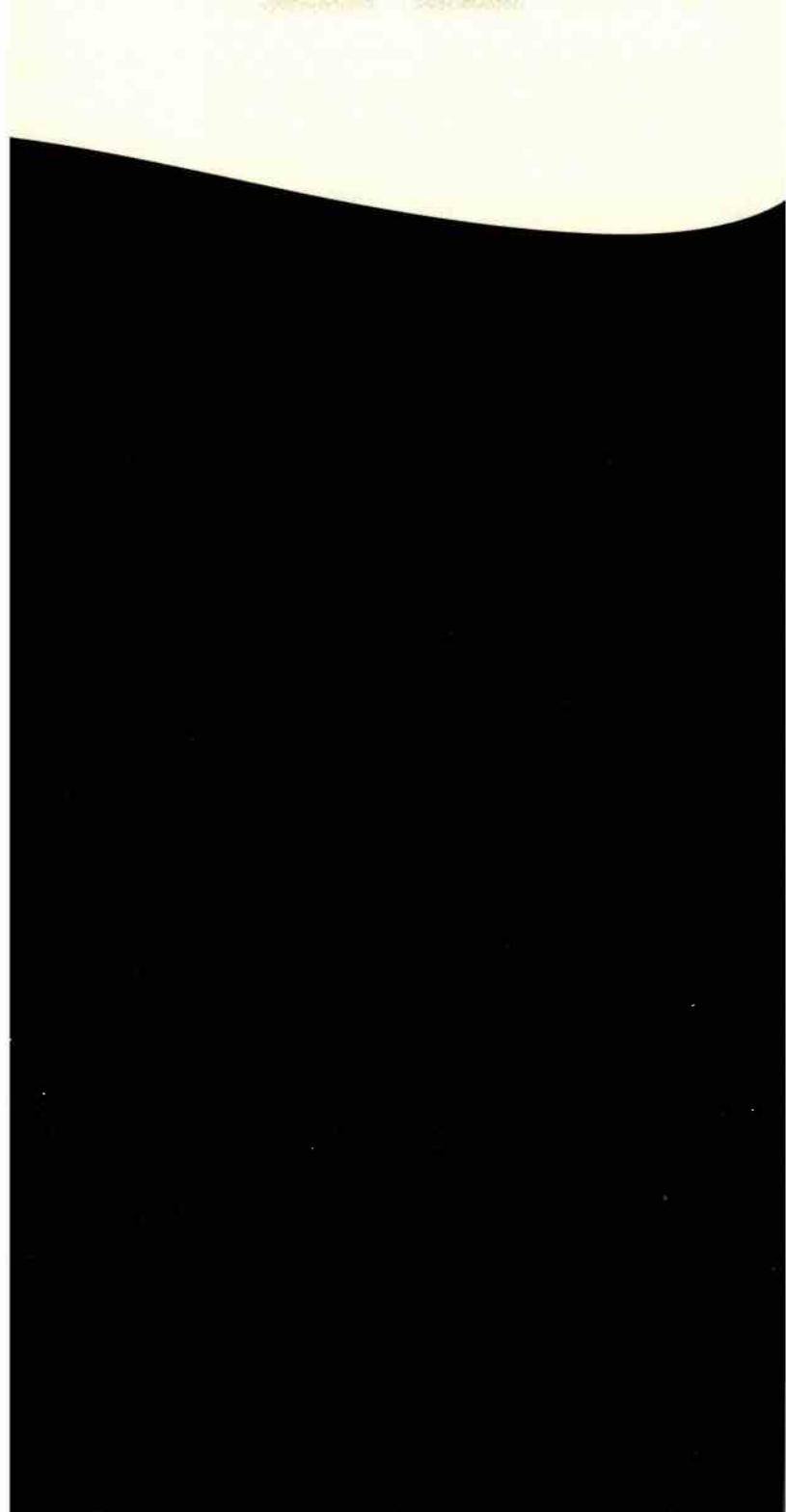
Ao Anjo Cego do Senhor
foram confiadas ainda 15 mil almas
de canibais e assassinos em série.
E ele, que nada vê,
festeja o burburinho,
criança entre fios coloridos de eletricidade.

Frida

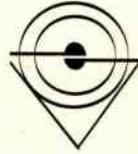
Dentro do pássaro,
um pássaro mais livre
rompe o vôo da carne
e parte no próprio canto,
invertebrado,
sem a ossatura da gaiola.

Fora do pássaro,
cristalino nada.





Coleção Alguidar



“ Catar feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.”

João Cabral de Melo Neto

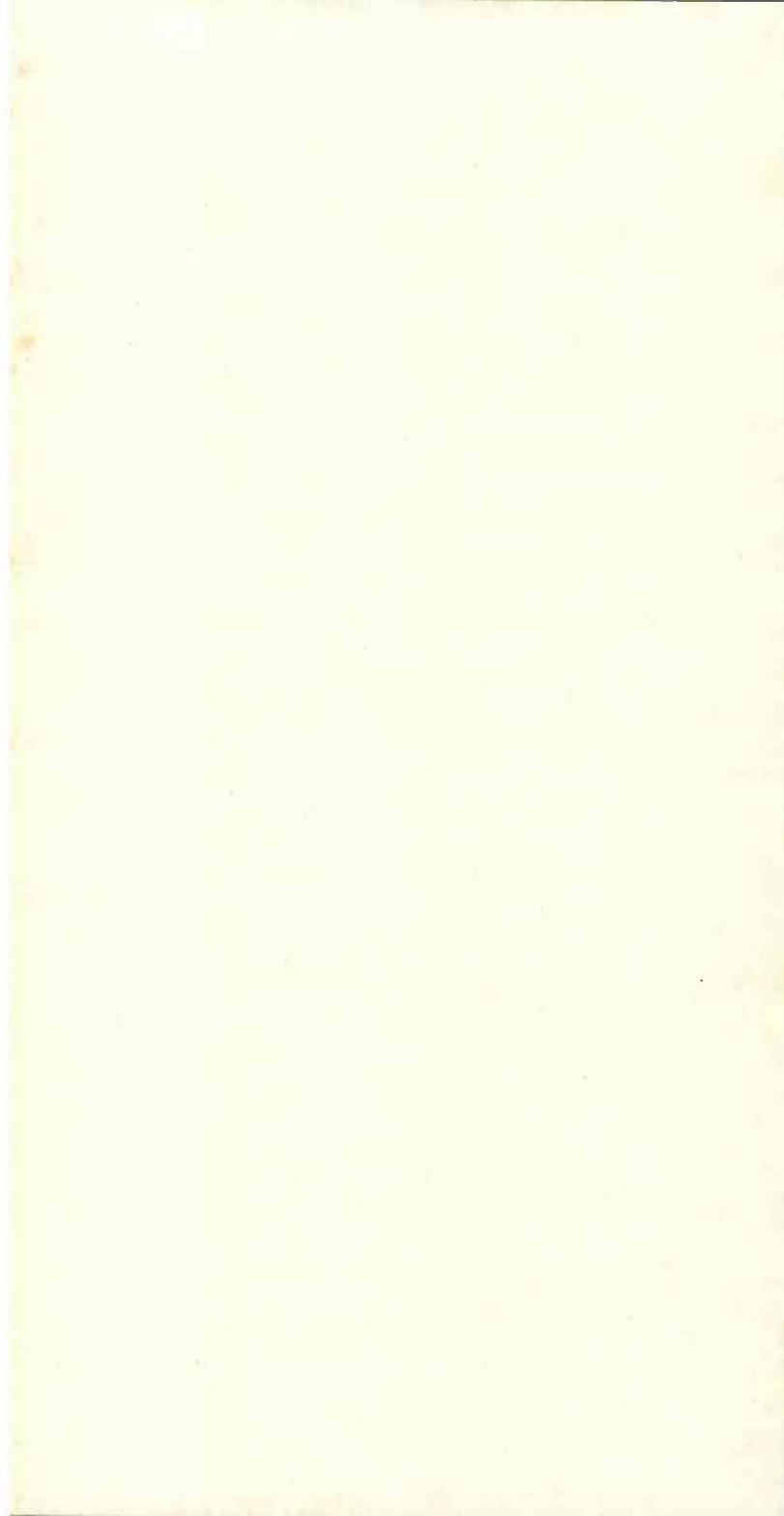
Livros publicados

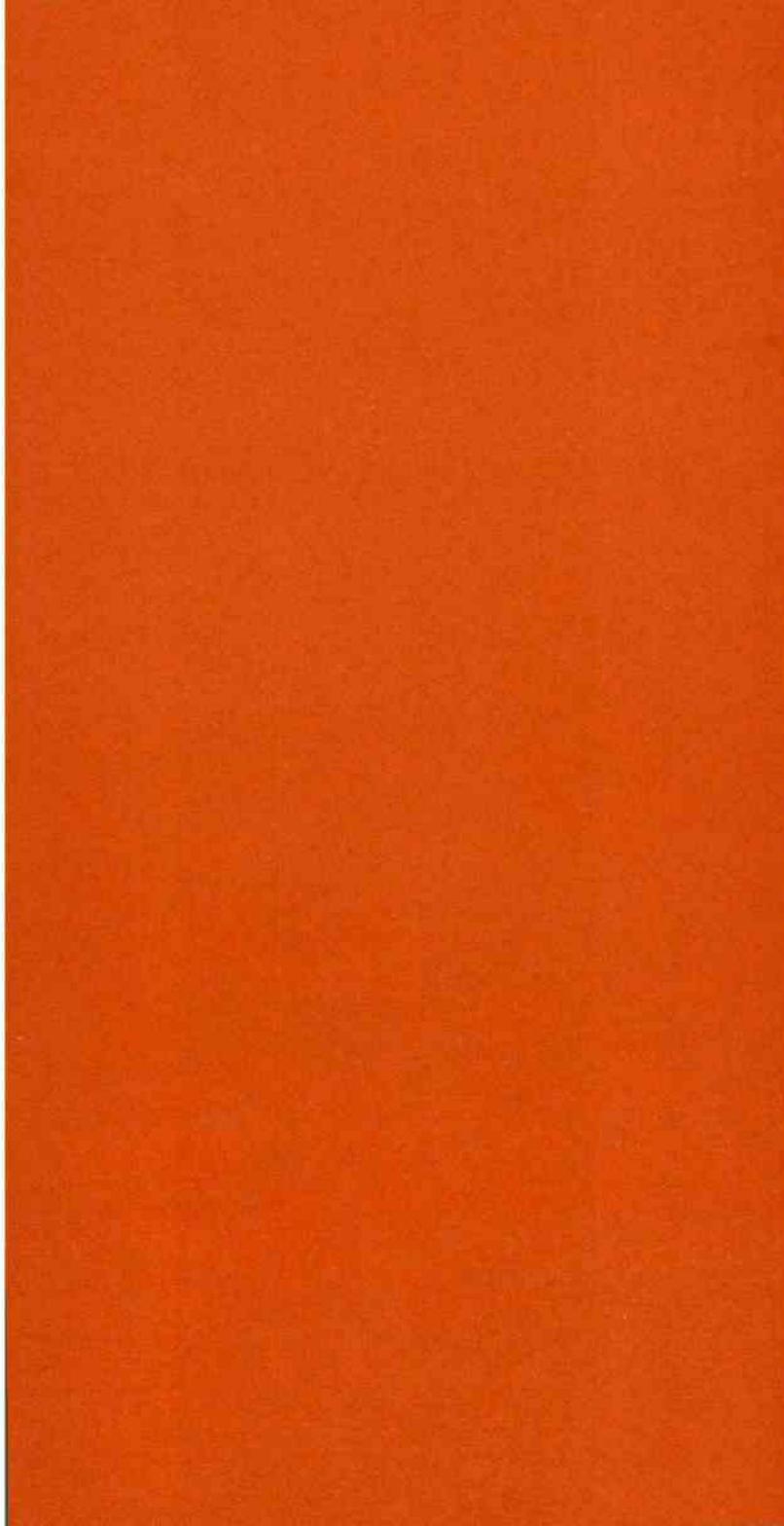
A Regra Secreta
Sebastião Uchoa Leite

Cantar de Amor Entre os Escombros
Frederico Barbosa

Geografia Íntima do Deserto
Michelinny Verunschik

Barrocidade
Amador Ribeiro Neto





MICHELINY VERJUNSKIK nasceu em Recife (PE) em 1972. Desde criança mora em Arcoverde, sertão pernambucano. É professora de História e escreve poesia desde 1982. Publicou poemas no *Jornal do Commercio* (Recife), *Diário de Pernambuco*, *Folha do Povo* (Campo Grande), *Cadernos Populares* (PE), *O Pão* (CE), revistas *CULT*, *Poesia Sempre*, *Etc* e *Cacto*. Na internet, seus poemas foram publicados no *Jornal de Poesia* e em *Le Manguê*. Dois de seus poemas participaram da exposição *Eispoesia* em Vila do Conde (Portugal). Três contos seus foram publicados na revista *L'Ordinaire Latino American*, uma publicação da Universidade de Toulouse-le-Mirail, nº 184, de abril-junho/2001, com o título *Um livro de poemas — O pequeno circo da maldade*. Em 2002 participou da antologia *Na Virada do Século*, organizada por Claudio Daniel e Frederico Barbosa para a Landy.

Coleção Alguidar



A Coleção Alguidar

foi criada para apresentar ao público obras de poesia ou prosa inventiva de autores brasileiros e portugueses contemporâneos. Publicando autores já consagrados, ou inéditos de qualidade, tem como norma a exigência e o rigor. Busca revelar o vigor de uma literatura feita com inteligência, fornecendo ao público leitor da língua portuguesa o “biscoito fino” que ele merece. Procura seguir à risca o ensinamento dos versos de João Cabral de Melo Neto que lhe inspiraram o nome: “Catara feijão se limita com escrever: / jogam-se os grãos na água do alguidar / e as palavras na da folha de papel; / e depois, joga-se fora o que boiar.”



É uma poesia que vem de longe, de muito longe.
E não me refiro apenas ao fato de que
Micheline Verunschik, nascida em Recife em 1972,
vive na fronteira do sertão pernambucano,
na ensolarada e bela cidade de Arcoverde.
A distância de que falo tem antes a ver com
o tempo do que com o espaço e é elemento
intrínseco desses poemas agora reunidos.
Uma distância no tempo que confere a esses
poemas a sua originalidade, transformando
a poeta numa presença singular por entre
o caos da atualidade.



A poesia de Micheline Verunschik cava fundo
nos dispositivos da linguagem, reatualizando
aquilo que é, para sempre, traço fundante
de poeticidade, ou seja, o alcance e os limites
da própria nomeação.

João Alexandre Barbosa



www.landy.com.br

ISBN 85-87731-98-X



9 788587 731982